



INTELECTUAIS EDUCADORES: O DEBATE EDUCACIONAL NA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS (1929-1931)

Dirce Rodrigues da Costa Nascimento¹
Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento²

GT 12 – História da Educação

RESUMO

Este artigo avalia as transformações surgidas com o processo de modernização da década de 1920 do século XX na sociedade brasileira, especialmente no campo da educação e da cultura, com reflexos em todos os Estados da Federação. A fundação da Academia Brasileira de Letras, o Congresso Brasileiro de Instrução Superior e Secundária e a Associação Brasileira de Educação e as conquistas da Semana de Arte Moderna de São Paulo, estimularam as criações de instituições que iniciaram com as discussões no campo da política, da educação e da cultura. Nessa trilha de acontecimentos, intelectuais sergipanos fundaram a Academia Sergipana de Letras que se destinou a colaborar na elevação cultural de Sergipe, na valorização literária, linguística e científica, defendendo, também, ideais políticos e filosóficos de igualdade entre as pessoas e do direito à educação, ressaltando que o ensino público era o único caminho de combate às desigualdades sociais.

Palavras-chave: Intelectuais Educadores. Academia. Associação Voluntária.

RESUMEN

Este artículo evalúa las transformaciones derivadas del proceso de modernización de la década de 1920 en el siglo XX en la sociedad brasileña, especialmente en el campo de la educación y la cultura, con consecuencias en todos los Estados de la Federación. La fundación de la Academia Brasileña de Letras, el Congreso Brasileño de Educación Superior y Secundaria y la Asociación Brasileña de Educación y los logros de la Semana de Arte Moderno en São Paulo, estimularon la creación de instituciones que empezaron discusiones en el campo de la política, de la educación y de la cultura. En este camino de los acontecimientos, los intelectuales de Sergipe fundaron la Academia Sergipana de Letras, que pretendía colaborar en la elevación cultural de Sergipe, en la valoración literaria, lingüística y científica, defendiendo también a los ideales políticos y filosóficos de la igualdad entre las personas y el derecho a la educación, enfatizando que la educación pública es la única manera de combatir las desigualdades sociales.

Palabras clave: Intelectuales Educadores. Academia. Asociación Voluntaria.

¹ Advogada, Integrante do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, da Academia Sergipana de Letras; Integrante da Academia Literocultural de Sergipe e da Academia Sergipana de Contadores de História. Integrante do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais GPHPE/PPED/UNIT/CNPQ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1708-5891>. E-mail: <dircernascimento@gmail.com>.

² Doutora em História da Educação pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC de São Paulo. Mestre em Educação pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq, desde 2012. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unit, coordenando no período de 2006 a 2013. Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da mesma instituição, no período de 2011 a 2015. Membro da Academia Sergipana de Letras, da Academia Sergipana de Educação, da Academia Brasileira Rotária de Letras/SE, da Academia Brasileira Teológica de Letras/SE, da Sociedade Bíblica do Brasil/SE, da Sociedade Brasileira de História da Educação. Lidera o Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/CNPq/UNIT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-767X>. E-mail: <esterfraga@gmail.com>.



INTRODUÇÃO

Este estudo tem o objetivo de compreender o projeto educacional dos 40 intelectuais fundadores da Academia Sergipana de Letras/ASL, no período de 1929, ano de criação da Instituição, a 1931, quando a ASL concluiu a sua organização nos moldes da Academia Brasileira de Letras, atendendo ao modelo francês, com o preenchimento das 40 cadeiras simbólicas e vitalícias. Ao lado disso, tem como finalidade saber se as Academias de Letras pensaram sobre problemas educacionais ou se apenas se preocuparam com questões literárias propriamente ditas. No caso do sodalício sergipano, notamos que os fundadores da Academia Sergipana de Letras tinham em sua agenda de debates a questão educacional e não apenas os problemas literários.

A iniciativa dos intelectuais sergipanos para a difusão da cultura, em Sergipe, no final da década de 1920 e do início dos anos de 1930 do século XX, especialmente incentivados com a repercussão da Semana de Arte Moderna de São Paulo e as ações da Academia Brasileira de Letras, na construção de sociedades literárias congêneres e da Associação Brasileira de Educação, sobretudo voltada para os assuntos educacionais republicanos. Além disso, analisa a participação de educadores na formação da Academia Sergipana de Letras, valendo destacar os nomes dos professores do Colégio Atheneu Sergipense: Joaquim Prado Sampaio Leite, professor de Aritmética, Álgebra, Literatura, Lógica, Psicologia e Direito Político; Manoel dos Passos Oliveira Teles, professor da Língua Grega; Antônio Garcia Rosa, professor de Geografia e Ciências Naturais; Artur Fortes, professor de História Geral e História do Brasil; Augusto Cesar Leite, professor de Noções de Higiene Geral, História Natural de Medicina Legal e um dos responsáveis pelas fundações das faculdades de Direito, em 1950 e de Medicina de Sergipe, em 1962; José Magalhães Carneiro, professor de Geografia Geral, Corografia e Noções de Cosmografia; Luiz José da Costa Filho, professor de História e de Geografia, e Clodomir de Souza e Silva, professor da Língua Portuguesa e especialista da cultura popular, e dos professores da Escola Normal: José Augusto da Rocha Lima, professor da Língua Portuguesa, um dos introdutores do sistema escolanovista em Sergipe; Helvécio Ferreira de Andrade, um dos defensores, em Sergipe, da Pedagogia Moderna, responsável pela difusão dos princípios de modernização da instrução pública sergipana nas três primeiras décadas republicanas; Antônio Manuel de Carvalho Neto, um dos intelectuais da educação, que se dedicou à cultura jurídica, notabilizando-se como precursor do Direito do Trabalho e do Direito Penitenciário, além de



haver registrado a sua participação na fundação da Faculdade de Direito de Sergipe, da qual foi o seu primeiro diretor; Florentino Teles de Menezes, iniciador dos estudos sociológicos em Sergipe e um dos líderes para a formação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Epifânio da Fonseca Dória e Menezes, incentivador da criação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, instituição secular que muito tem contribuído para o desenvolvimento educacional do Estado de Sergipe.

O trabalho está inserido na História da Educação, cujas produções deste campo de estudos vem, há décadas contribuindo com a História Cultural, tanto no alargamento das fronteiras e com o seu diálogo com outros segmentos, como para a implantação de uma multiplicidade temática, quanto na adoção de novos objetos e a incorporação de fontes diversificadas de pesquisa, produzindo, também, sínteses analíticas e tendenciais.

Para o historiador francês Roger Chartier³, a História Cultural tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Logo, um estudo que analise a ação de indivíduos dedicados à atividade literária, mas, que, também, mantinham na sua pauta de prioridades as preocupações com a política educacional do período em que atuaram na vida sergipana ajudará a compreender o conjunto de influxos intelectuais recebidos pelo debate educacional em Sergipe.

Na construção do artigo em que se demonstra a função da Academia Sergipana de Letras e a dos intelectuais que a formaram, consultou-se atas, Regimento Interno, Estatuto, jornais, revistas, livros, dissertações, destacando a contribuição da instituição para a prática educativa em Sergipe.

AS ACADEMIAS DE LETRAS, NO BRASIL

Antes de fundar-se a Academia Brasileira de Letras em 20 de julho de 1897, várias tentativas haviam sido feitas no mesmo sentido. A mais antiga delas, remonta ao Império, quando a ideia surgiu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e encontrou apoio do próprio Imperador e manifestações de apoio de João Cardoso de Meneses e Sousa, Barão de Paranapiacaba e do Conselheiro João Manuel Pereira da Silva. Nas palestras literárias que, sob a presidência do Imperador se realizavam no Palácio Imperial de São Cristóvão mais de uma vez

³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 15.



se tratou do assunto, como anota Raimundo de Menezes⁴. Mas essas tentativas não surtiriam efeitos. Outras reuniões chegaram a se realizar no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, presididas por Francisco Otaviano, porém foram baldados todos os esforços para a construção do Soligueu, ficando a ideia adormecida por mais de quarenta anos. Depois, Franklin Távora, José de Alencar, Candido Mendes e Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz Galvão, reacenderam o desejo de criar a instituição cultural, que, também, não prosperou mesmo com o bafejo do Imperador.

Proclamada a República, caberia a Medeiros de Albuquerque, então diretor da Instrução Pública do Governo Provisório, levantar, de novo, a ideia da fundação de uma Academia. Nesse sentido teve um entendimento com Aristides Lobo, ministro do Interior, e Lúcio de Mendonça, secretário de Manuel Ferraz de Campos Sales, então Ministro da Justiça. Pelo projeto de Medeiros os acadêmicos receberiam um ordenado e usariam um uniforme que se “assemelhava ao dos cardeais romanos, porque tinha uma ampla capa vermelha”, contaria ele mais tarde⁵.

Já em 1886, a tendência era para a criação de uma academia com a chancela oficial, para a qual trinta membros fossem nomeados pelo governo e dez outros correspondentes, brasileiros residentes em outros Estados ou no estrangeiro, e eleitos por aqueles. Cuidou-se dos atos oficiais para a sua fundação, que se daria por ocasião das comemorações do 7º aniversário da República, a 15 de novembro de 1896. Entretanto, o decreto redigido por Lúcio de Mendonça e enviado ao Ministro Alberto Torres, não prosperou por alegação de que o documento era contrário à essência do regime democrático.

Como se vê, muitos foram os atropelos para a fundação da Academia Brasileira de Letras, cujo projeto como associação civil só se consolidou em 20 de julho de 1897, diante da atuação inicial dos escritores Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, Afonso Celso, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Joaquim Nabuco, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay e Ruy Barbosa, que se dedicaram a construí-la e normatizá-la dentro dos padrões propostos e com os princípios do cultivo da língua portuguesa e da literatura brasileira.

A HORA LITERÁRIA E A ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

⁴ Menezes, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 718.

⁵ MENEZES, p. 718.



As ideais para as criações das academias de letras no Brasil tomaram corpo, efetivamente, com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 20 de julho de 1897, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, sete anos após a Proclamação da República. Essa sociedade literária seguiu o modelo da Academia Francesa, fundada por Richelieu em 1635, sob o reinado de Luís XIII de França, que é considerada como uma das mais antigas e importantes instituições francesas, composta com 40 membros, os assim chamados imortais, dentre os quais se incluem destacados homens públicos e personalidades literárias.

Assim, sob a influência da Academia Brasileira de Letras e com a sua linha programática, seguiram-se as criações das academias estaduais, entre elas a Academia Sergipana de Letras, fundada em 1º de junho de 1929.

Surge, então, no cenário sergipano, a Academia Sergipana de Letras como uma associação voluntária ou sociedade de ideias, seguindo a linha do pensamento de Alexis Tocqueville, citado por Nascimento, que anota:

Para Tocqueville, a associação consistia na adesão pública que um grupo de indivíduos dava a determinadas doutrinas e se comprometiam para fazê-la prevalecer, envidando todos os esforços na direção de um só objetivo. Os homens que caminhavam para o mesmo objetivo não eram obrigados a marcharem pelos mesmos caminhos, sacrificando sua vontade e razão, mas a aplicarem-nas para o êxito de uma empresa comum. O direito de associação era uma importação inglesa que existia na América desde a sua fundação, e neste país tomara uma nova configuração⁶.

Nesse mesmo sentido, compreendendo a Academia Sergipana de Letras como associação voluntária ou sociedade de ideias (WEBER, 2002), Nascimento (2011, p. 355), aponta que

“as sociedades voluntárias, ou sociedade de ideias, – maçônicas, patrióticas, literárias, religiosas etc – foram formas modernas de sociabilidade que ofereceram novos modelos associativos em meio de uma sociedade globalmente organizada em torno de uma estrutura corporativa hierárquica, formada por sujeitos sociais coletivos”.

Dentro desse diapasão estabeleceu-se a novel instituição cultural, sucedendo a Hora Literária General Calazans, uma sociedade lítero-artística, fundada em 10 de abril de 1919, que

⁶ NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Educar, curar, salvar: Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.



era composta por escritores de ambos os sexos e de todas as tendências literárias. A Hora Literária funcionava na residência do empresário José da Silva Ribeiro, inicialmente localizada na Rua do Barão, atual Rua João Pessoa e, transferida depois, para a Colina do Santo Antônio, tempo em que passou a denominar-se como Hora Literária do Santo Antônio, movimento cultural, aberto às diversas manifestações da inteligência. Dentre os seus objetivos essa sociedade literária tinha como metas a promoção do estudo, o desenvolvimento intelectual do cidadão e a difusão do pensamento.

Apesar da importância da Hora Literária, as aspirações dos poetas e escritores era fundar uma academia, nos moldes da Academia Brasileira de Letras. Antes de fundar-se a Academia Sergipana de Letras, várias tentativas haviam sido feitas no mesmo sentido, especialmente, pelo poeta Joaquim Prado Sampaio Leite e pelo jornalista Edison Ribeiro, cujas ideias eram defendidas nas páginas do Diário de Aracaju, jornal que dirigia, na época.

Cumpria, a Hora Literária, as suas finalidades, quando o movimento em prol da fundação da Academia consolidou-se, principalmente a partir de 13 de abril de 1929, quando se deliberou que, para a composição do quadro acadêmico, ficariam mantidos os acadêmicos que pertenciam à Hora Literária⁷.

Para o escritor Jackson da Silva Lima, havia duas agremiações em conflito:

Existem, é preciso notar, duas sociedades: uma – Hora Literária, outra – A Academia Sergipana de Letras, sociedade esta que tem no seu seio vultos representativos da nossa pujança mental e da qual faço parte como Ocupante da Cadeira patrocinada pelo gigante cantor das ‘Selvas e Céus’, Cadeira que obtive com o meu desvalioso trabalho ‘Vulto que Fica’. ‘Hora e ‘Academia’ existem, assim, unidas e separadas, graças ao coração e ao espírito de Silva Ribeiro, belo tipo de cavalheiro e cidadão que ama e protege as letras e os moços, seus patrícios. Separadas e unidas, sim, elas viverão. Com a reforma que pretendemos fazer, ainda mais separadas viverão as duas sociedades; separadas e unidas, sim, porque sendo ambas protegidas pelo Cel. Silva Ribeiro, que não podemos compreender que uma faça guerra a outra. Isso não. Criada a ‘Academia’ pela ‘Hora’, e já tendo merecido a distinção do honrado Governo do Estado, um projeto convertido em lei, que a fez de utilidade pública, ela, a ‘Academia’, tem agora o dever e é mesmo do seu programa zelar pelo nome de Sergipe. Separada absolutamente da ‘Hora’, aumentado o número de acadêmicos para 40, poderá ela melhormente realizar o seu programa⁸.

⁷ NASCIMENTO, José Anderson. **A Academia Sergipana de Letras**. In: O Sodalício. Aracaju: J. Andrade. 1999, p. 9.

⁸ LIMA, Jackson da Silva. Prefácio. In: **Perfis acadêmicos**. Aracaju: Editora do Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2017.



O certo é que, em 1931, como noticia a Revista da Academia Sergipana de Letras, no seu primeiro número, a instituição estava composta com os seus 40 membros fundadores, todos empossados nos seus devidos cargos honoríficos, exceto Cícero Sampaio, eleito para a Cadeira nº 39, que não tomou posse, sendo substituído por Zózimo Lima, eleito em 8 de agosto de 1931 e Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, este, apesar de eleito para a Cadeira nº 27, recusou-se à posse⁹.

INTELECTUAIS EDUCADORES: O DEBATE EDUCACIONAL NA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS.

Criada a Academia Sergipana de Letras, os acadêmicos procuraram debater assuntos culturais e, também, os educacionais, estes manifestados por Antônio Manuel de Carvalho Neto, que fora diretor Geral de Instrução, de 1918 a 1921, quando promoveu reformas pedagógicas; Helvécio Ferreira de Andrade, intelectual, médico e educador, que teve destacada participação nos debates acerca da modernização da escola em Sergipe, principalmente quando atuou como Diretor Geral da Instrução Pública nos anos de 1914 a 1918, de 1926 a 1927 e de 1930 a 1935 e José Augusto da Rocha Lima, que se especializou no campo da Pedagogia Moderna. Além disso, a contribuição dos seus acadêmicos foi notada de forma relevante, pelo que se pode afirmar que a Academia, desde a sua fase inicial, viveu da produção dos seus acadêmicos e da construção de artigos e ensaios publicados nas Revistas do Soligeu, já que, no passado, era muito difícil para os escritores publicarem os seus trabalhos de cunho literário, ou científicos.

Vale frisar que as discussões acadêmicas em torno da Escola Nova no Brasil estavam sempre em debates, com propostas a serem desenvolvidas em face das transformações sociais, políticas e econômicas vividas a partir dos meados de 1920, principalmente, com a renovação educacional frente às várias críticas sobre a educação tradicional que se tinha no momento.

Com isso, verificava-se que a Escola Nova tinha a finalidade de modificar os programas educacionais para projetar a criança como sujeito ativo nos princípios de uma

⁹ NASCIMENTO, José Anderson. **Perfis Acadêmicos**. Aracaju: Editora do Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2017, p. 26.



educação voltada para a vida social, como avaliava Helvécio de Andrade¹⁰, pois ele acreditava “[...] que uma educação que primava por uma formação completa da criança, devia observar durante as práticas educativas, a disciplina, pois sua preocupação residia na necessidade de delegar à criança a consciência do dever cumprido”.

Na perspectiva teórica de Sirinelli, a concepção de intelectual é entendida por meio de duas definições: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e mediadores culturais, e a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento [...] na vida da cidade como ator”, validando, portando a compreensão de intelectuais da educação esses fundadores da Academia Sergipana de Letras.

Para Ferreira e Amorim, de igual modo, como intelectual entende-se:

[...], na primeira acepção podem ser incluídos os escritores, jornalistas e professores, bem como os criadores e mediadores em potencial, como por exemplo, os estudantes. Enquanto na segunda acepção estaria localizado um grupo mais restrito, composto por indivíduos que exercem uma atividade de maior influência no cenário público, ao defender uma concepção ideológica ou uma causa de impacto social. Essa função é exercida mediante a utilização de certa especialidade de saberes, que permite uma ação mais incisiva na esfera social, bem como o reconhecimento da sociedade em que está inserido, como atuante na vida da cidade como um ator social¹¹.

Pensar os membros fundadores da Academia Sergipana de Letras como sujeitos que desenvolveram práticas educativas no período que atuaram na vida sergipana, exige que se compreenda quais seriam essas práticas, o que, notadamente, incluiriam as suas experiências em salas de aulas e as inovações que os debates educacionais deste grupo de intelectuais traziam para a escola.

Com efeito, para Chartier¹², “as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social”; ele ainda acrescenta, “são práticas culturais a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino”, mas também os modos como, em uma dada sociedade, o filósofo francês remata: “os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus

¹⁰ ANDRADE, Helvécio. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Cyro de Azevedo, Presidente do Estado, em novembro de 1926. Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. In: VALENÇA, Cristina de Almeida. *Civilizar, regenerar e higienizar : a difusão das ideais de pedagogia moderna por Helvécio de Andrade*. São Cristóvão, 2006, p. 24. (Dissertação de Mestrado em Educação)

¹¹ FERREIRA e AMORIM. FERREIRA, M. S. e AMORIM, R. P. de. Intelectuais, **História e Educação**: os professores na História Intelectual. *Poiesis Pedagógica*, Catalão-GO, v. 14, n. 1, p. 77-93, jan-jun 2016, p. 6.

¹² CHARTIER, p. 21.



loucos ou recebem os estrangeiros”.

Nesse mesmo sentido destacam-se práticas escolares direcionadas ao projeto civilizador das crianças, um dos princípios básicos da modernização educacional, que vinha se firmando no cenário das políticas públicas educacionais em Sergipe. A higienização, por exemplo, foi um dos princípios da Pedagogia Moderna, a que se dedicou o intelectual Helvécio Ferreira de Andrade, fundador da Cadeira nº 15 da Academia Sergipana de Letras, através da sua atuação como Diretor da Instrução Pública, médico e professor e nas suas publicações: Instrução Pública, de 1926 e Curso de Pedagogia, de 1913. Para ele “nem o estado, nem ninguém tem o direito de encerrar as creanças em locais subtraídos à luz do sol escassos de are privados d'agua e limpeza, por mais que estas masmorras de se condecorem com o nome de escola”.¹³

Outros educadores da instituição acadêmica, também debateram sobre a educação no momento da sua construção, podendo-se mencionar entre eles, o professor José Augusto da Rocha Lima, uma das personalidades do ensino secundário de Sergipe. Ele foi comissionado pelo Interventor Federal Augusto Maynard Gomes, através do Decreto de 27 de março de 1931, para estudar, em São Paulo, os processos de ensino da Pedagogia Moderna, desenvolvidos pelo Dr. Lourenço Filho, na Instrução Pública daquele estado. A indicação de seu nome para essa importante missão repercutiu no seio da sociedade aracajuana, como noticiou o Sergipe Jornal, Diário Oficial e a Revista Renovação, como anota Sobral¹⁴.

O médico Augusto César Leite, fundador da Cadeira nº 35 da Academia Sergipana de Letras, além das suas atividades no campo da Medicina, atuou na direção da antiga Escola de Aprendizes e Artífices, no período de 1910 a 1916, quando entrou para a congregação do Ateneu Sergipense como professor de Higiene e de História Natural; ele também ministrou aulas História Natural no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus. Criou a Escola de Enfermagem para apoiar os Hospitais Cirurgia e Santa Isabel, o que muito contribuiu para a assistência social de pessoas menos favorecidas.

A participação do médico e professor Augusto César Leite foi muito representativa em segmentos acadêmicos e socioculturais de Sergipe, participando, inclusive com as fundações das Faculdades de Direito, de Medicina e da Universidade Federal de Sergipe.

¹³ ANDRADE, Helvécio de. A Creança. **Correio de Aracaju**, Aracaju, 16 agosto de 1912, no VI, n. 734. P.2. col. 3.

¹⁴ SOBRAL, Maria Neide. José Augusto da Rocha Lima: uma biografia (1897-1969). São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010, p. 181-182.



Outra personalidade de destaque no cenário intelectual de Sergipe foi o educador Luiz José da Costa Filho, professor de História e de Geografia e um dos fundadores da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, inaugurada em 29 de setembro de 1916, destinada à alfabetização de adultos e que funcionou na Loja Maçônica Cotinguiba, na Rua Santo Amaro, 171, em Aracaju.

O professor da Língua Portuguesa da Escola Normal Clodomir de Souza e Silva, era um dos especialistas da cultura popular, destacando-se, nacionalmente, como folclorista e muito incentivava os seus alunos à interação social, através da poesia e das narrativas lendárias de Sergipe, processo pedagógico utilizado por ele para educar os seus discípulos.

Como se vê, esses acadêmicos estavam diretamente ligados ao processo educacional ora como professores, ora como gestores públicos conduzindo as reformas do ensino ocasionadas com o processo de reforma e de modernização do ensino do ensino

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria a Academia, por seu status social e prestígio um espaço de legitimação de intelectuais no Estado de Sergipe, ou seriam os intelectuais que validam a Academia Sergipana de Letras como uma instituição com potencial intelectual? Concluímos em resposta a este problema que, sem o trabalho deles, a Academia seria uma instituição vazia e sem a menor importância, afinal, a história é feita por pessoas.

Os intelectuais educadores que têm seus nomes nas cadeiras dos fundadores da Academia Sergipana de Letras não só a construíram socialmente como institucionalmente, ou seja, eles literalmente fizeram a ASL, iniciando, na época, com muita força, esse conhecido status social de prestígio dos imortais. Afinal, foi através de suas ideias, movimentos, estudos, revoluções, inquietudes empíricas, que levaram à Academia debates educacionais de extrema importância para a evolução da nossa sociedade, com o conceito de civilização trazido pela Escola Nova.

Debate estes que, atravessando as paredes de suas salas itinerantes de reunião, faziam história no nosso Estado, não só com a implementação das ideias escalonovistas nas escolas, mas também com o vasto conteúdo literário, que enriquecia o campo cultural com artigos em jornais, livros, ensaios e discursos, mostrando o trabalho desses educadores em busca



da melhoria dos projetos educacionais no Estado de Sergipe.

Concluimos então que, de nada vale uma instituição vazia em ideais e ações e não adianta ser acadêmico se a sua participação não agrega e faz história. Os acadêmicos não só fazem a academia como a movimentam, pois foi assim que ela nasceu e se transformou em uma instituição perene, em permanente crescimento e com influência social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Helvécio de. A Creança. **Correio de Aracaju**, Aracaju, 16 agosto de 1912, no VI, n. 734. col. 3.
- ANDRADE, Helvécio. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Cyro de Azevedo, Presidente do Estado, em novembro de 1926. Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. In: VALENÇA, Cristina de Almeida. *Civilizar, regenerar e higienizar : a difusão das ideais de pedagogia moderna por Helvécio de Andrade*. São Cristóvão, 2006, p. 24. (Dissertação de Mestrado em Educação)
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FERREIRA e AMORIM. FERREIRA, M. S. e AMORIM, R. P. de. Intelectuais, **História e Educação**: os professores na História Intelectual. *Poiesis Pedagógica*, Catalão-GO, v. 14, n. 1, p. 77-93, jan-jun 2016.
- MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A teoria sobre associações voluntárias como matriz interpretativa das instituições escolares protestantes. In: Libânia Xavier; Elomar Tambara e Antoni Carlos Ferreira Pinheiro. (Org.). **História da Educação no Brasil**: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. Espírito Santo: EDUFES, 2011, v. 5, p. 355-377.
- NASCIMENTO, José Anderson e NASCIMENTO, José Amado. **A Academia Sergipana de Letras**. In: O Sodalício. Aracaju: J. Andrade. 1999.
- NASCIMENTO, José Anderson. **Perfis acadêmicos**. Aracaju: EDISE, 2017.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- SOBRAL, Maria Neide. **José Augusto da Rocha Lima**: uma biografia (1897-1969). São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010.



WEBER, Max. **Ensaaios de Sociologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.